



Niketche: um discurso de negociação de uma identidade nova para a mulher moçambicana do século XXI

Helga Maria Pinto Francisco
Universidade Pedagógica/Quelimane
Mestranda / UA

PALAVRAS-CHAVE: FEMINISMO, IDENTIDADE DOMÉSTICA, MULHER, NOVA IDENTIDADE, PODER PATRIARCAL.
KEYWORDS: FEMINISM, DOMESTIC IDENTITY, WOMAN, NEW IDENTITY, PATRIARCHAL POWER.

1. INTRODUÇÃO

A primeira tentativa deste trabalho consiste em situar a nossa questão. E, para tal, começaremos por fazer breves explicações conceituais. Na nossa perspectiva, o discurso é um conjunto de práticas verbais destinadas a enunciar uma realidade, isto é, determinado estado de coisas. E, em *Niketche*, de Paulina Chiziane, a prática verbal está voltada para uma possibilidade de negociação de uma identidade nova para a mulher moçambicana do século XXI, uma vez que o percurso da história relegou-a para a periferia do sistema social. Falamos de negociação porque entendemos que este percurso é feito a partir de diálogos “pacíficos”, dos quais *Niketche* é um exemplo, depois de *Balada de Amor ao Vento*, *Ventos do Apocalipse* e *O Sétimo Juramento*, nos quais se busca, gradualmente, um consenso e definitiva aceitação de que a mulher possui uma identidade própria, diferente da do homem, mas não inferior. Uma identidade nova. E é nova porque durante anos, ou melhor, séculos

inteiros de existência, ela viveu uma identidade que não lhe era própria. Alienou-se? Podemos falar de periferismo identitário? Sem sombra de dúvida que sim.

Como ficou claro no parágrafo anterior, o nosso objectivo é apresentar *Niketche*, de Paulina Chiziane, como um discurso de negociação de uma identidade nova para a mulher moçambicana do século XXI, elo temático que permeia toda a obra. Pensando nesse nosso objectivo, achamos conveniente abordar num primeiro momento aspectos essenciais da literatura feminina contemporânea num confronto com os valores e concepções africanas de mulher, utilizando como base os textos da teoria crítica literária e feminista, cingindo-nos essencialmente a questões relacionadas com a representação da mulher, símbolos, representação do género, busca pela identidade, para, num segundo momento, apresentarmos a nossa leitura/análise a partir dos pressupostos por nós apresentados. Por fim, dizer que este artigo é parte daquilo que será a nossa dissertação de mestrado, na Pós – Graduação em Língua Portuguesa e Literaturas de Expressão Portuguesa pela Universidade de Aveiro.

2. A MULHER EM ÁFRICA *VERSUS* OS PRESSUPOSTOS DA LITERATURA FEMININA CONTEMPORÂNEA

Paulina Chiziane, escritora e primeira romancista moçambicana, publicou vários romances¹. Nos seus textos, em *Niketche* especialmente, apresenta considerações capazes de despertar diversas reflexões sobre a natureza humana e os relacionamentos entre homens e mulheres. Neles, Chiziane faz um esboço das mulheres muitas vezes subalternas, condicionadas e desiludidas com o homem, fazendo com que os seus textos sejam atravessados por um elevado grau de feminismo. Todavia, a reflexão em torno da literatura feminina, no contexto da obra em análise, estaria um tanto deslocada se a sua abordagem não partisse de uma breve abordagem sobre as concepções africanas de mulher e moçambicana, em particular.

A tradição cultural africana considera a mulher como um símbolo da vida, ela é relacionada com a mãe terra que gera a vida. É por isso que em muitas regiões do país, as mais tradicionalistas, a mulher deve conceber o seu filho deitada na terra, pois entre elas existe uma relação intrínseca. Esta concepção africana de mulher é trazida por Afonso (s/d:1)² ao dizer: “A cultura africana, em especial na etnia Bantu, privilegia a mulher enquanto figura

¹ Quatro deles já foram mencionados no primeiro parágrafo. Acrescentaremos *O Alegre Canto da Perdiz* (2008) e o livro de contos *As Andorinhas* (2008).

² AFONSO, Ana Lúcia da Silva. *Buscando outro significado para Eva: a representação do feminino na escrita de Paulina Chiziane*. Disponível em <http://www.filologia.org.br/cluerj-sg/anais/ii/completos/comunicacoes/analidiadasilvaafonso.pdf>. Acessado a 15 de Junho de 2012.

simbólica responsável pela formação de suas comunidades de origem. Contudo, apesar desta privilegiada concepção, a prática real é muito contraditória”.

Ao lado da deusa mulher, está, também, a figura de uma mulher dominada por uma concepção patriarcal que tem acentuado a misoginia nos relacionamentos entre homens e mulheres. E as normas do patriarcado impõem na mulher uma condição de inferioridade em relação ao homem, pois, de acordo com aquela concepção, a mulher deve conformar-se com um casamento submisso e muitas vezes humilhante. Ela deve sentir-se feliz por cuidar da casa, dos filhos, do marido e da família. Deve aceitar tudo quanto vier do seu marido porque ele é o senhor da casa. Fala-se, em África, de regiões matrilineares, mas, sob nosso humilde ponto de vista, muitos dos preceitos defendidos naquelas regiões convergem sempre para um único ponto: agradar o homem, o senhor, em símbolo de obediência e submissão.

Pensemos, por exemplo, na região Norte de Moçambique, muito apontada no romance como um espaço em que as mulheres dominam ou têm o homem em suas mãos. Perguntamo-nos: para que servem as tatuagens no corpo das mulheres daquela região feitas com lâminas aguçadas? Porque a mulher do Norte de Moçambique deve limpar o sexo do homem nas suas mamas depois do acto sexual? A resposta é mais que evidente: apenas para agradar ao seu senhor e provar obediência e submissão ao homem. Onde estão os homens dessa região quando as mulheres são levadas às escolas de sexo aos dez anos de idade para alongar os genitais? Vão para a escola aprender a escrever e as mulheres continuam analfabetas, sempre dependentes do pão que esse homem deve conceder-lhe. E isso é liberdade? Convido-vos a uma reflexão pessoal.

Os preceitos do patriarcado são tão fortes em África que é inconcebível um homem casar-se com uma mulher que trabalha. O “bançar”³ a casa é tarefa do homem. Daí que muitos homens se sintam incomodados quando uma mulher adquire a sua própria independência financeira: “O Tony reage mal às nossas iniciativas mas nós fechamos os ouvidos e fazemos a nossa vida” (Chiziane, 2002: 119) e “- Por isso me afrontam, porque têm dinheiro. Por isso me abusam, porque têm negócios. Por isso me faltam ao respeito, porque se sentem senhoras. Mas eu sou um galo, tenho a cabeça no alto, eu canto, eu tenho dotes para grandes cantos” (ibid.: 166). Que machismo declarado! Olhe-se só para tamanha arrogância. Ele canta, isto é, ele manda. E, às mulheres, cabe a missão de obedecer.

Ser homem em África é poder ter sob seu domínio o maior número de mulheres e filhos: “Diz que a grandeza de um homem se afirma pelo número de filhos que tem. Que a poli-

³ Tem aqui o sentido de custear as despesas de casa.

gamia é a natureza do homem: embora se condene, não é crime, não faz mal a ninguém” (ibid.: 115). E cada uma delas deve contentar-se com a simples possibilidade de partilhar o mesmo homem com outras mulheres. Em Moçambique, por exemplo, o homem criou um dia para si – toda a sexta-feira é dia do homem. E, na sexta-feira, o homem pode tudo.

Como podemos notar, a sociedade construiu um modo de ser para a mulher, isto é, criou para ela uma identidade, tal e qual atestam as palavras de Afonso: “A mulher existe para o serviço da casa, para cuidar das crianças, para estar ao serviço dos outros, no que se pode chamar uma *identidade doméstica*”⁴.

Temos aqui espelhada uma concepção de identidade feminina muito limitada, se pensarmos nos actuais domínios de actuação da mulher do século XXI. Até na literatura as personagens protagonistas dos romances eram homens, ocupando a mulher um lugar secundário, sempre como “a auxiliar”, como atestam as palavras de Silva e Silva (2010: 4)⁵:

Aos homens eram dedicadas as principais personagens, as discussões, aventuras e reflexões. Lucia Zolin discute a respeito do estereótipo feminino nas obras literárias. Segundo ela, nas narrativas de autores masculinos, tudo tem uma perspectiva e um direccionamento totalmente masculinos, como se todos os leitores também o fossem. Logo, as personagens femininas ficam deixadas em um segundo plano, seguindo paradigmas de estereótipos e papéis.

Contra todos estes pressupostos, esta maneira de ver a mulher, estão os pressupostos do feminismo, movimento que exaltou a voz feminina silenciada durante muitos anos, exaltando-a da sua submissão ao dar-lhe possibilidade de falar dos seus valores, anseios e indignações, tal como afirma Zolin (s/d:2)⁶:

No contexto da pós-modernidade - profícuo às manifestações da heterogeneidade e da multiplicidade e inóspito aos discursos totalizantes – a crítica literária feminista, bem como o feminismo

⁴ Os itálicos são nossos. Achamos pertinente esta passagem porque ela coloca em evidência a remota identidade criada para a mulher moçambicana e centra a nossa atenção na possibilidade da existência de uma nova identidade.

⁵ SILVA, Luís Cláudio Ferreira & SILVA, Marisa Corrêa. *A Personagem Feminina em Saramago*. Cascavel, 2012. Disponível em: http://cac.php.unioeste.br/eventos/iisnel/CD_IISnell/pages/simposios/simposio%2006/A%20PERSONAGEM%20FEMININA%20EM%20SARAMAGO.pdf, acessado a 21 de Agosto de 2012.

⁶ ZOLIN, Lucia Osana. *Pós-Modernidade e Literatura de Autoria Feminina no Brasil*. Maringá, s/d. Disponível em: http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes_antiores/anais17/txtcompletos/sem19/COLE_1058.pdf. Acessado a 15 de Junho de 2012.

entendido como pensamento social e político da diferença, surge com o intuito de desestabilizar a legitimidade da representação, ideológica e tradicional, da mulher na literatura canónica.

Podemos claramente constatar que, com a criação do movimento feminista, na segunda metade do século XIX, deu-se o primeiro passo para o questionamento à ordem patriarcal vigente, trazendo um novo olhar, um olhar diferenciado sobre o universo da mulher e, consequentemente, a construção de uma nova identidade para a mulher. Por meio de documentos e muitas reivindicações, o movimento feminista buscou a igualdade legislativa, pois as feministas estavam certas de que pela concretização deste objectivo outros mais seriam alcançados.

Todavia, mesmo vivendo numa época moderna, depois de haver uma ruptura de muitas barreiras nos campos económicos, da tecnologia e da medicina, pouca coisa parece ter mudado. Ainda hoje surgem ecos do legado patriarcal advogando para a mulher uma condição de marginalidade.

É neste contexto que surge a voz de Paulina Chiziane, uma voz contemporânea que reflecte nos seus textos acerca do papel que a mulher desempenha ou pode vir a ocupar na sociedade. Por isso escolhe a mulher para personagem principal dos seus textos, como forma de privilegiá-la e afirmar-se como feminista pela exteriorização de seus sentimentos. Estas personagens “mulheres” são muito fortes, com um discurso que, apesar de não revelar um rompimento total das suas tradições, torna-se representativo de um futuro muito promissor no que diz respeito à identidade da mulher.

3. COMO CHIZIANE NEGOCEIA A NOVA IDENTIDADE DA MULHER EM NIKETCHE?

No romance *Niketche*, de Paulina Chiziane, a história gira em torno de Rami, uma mulher do Sul de Moçambique, protagonista e narradora de primeira pessoa, que se descobre traída pelo marido Tony. Para além dela, outras quatro mulheres existiam à volta de Tony. Um único homem tinha sob seu domínio cinco mulheres, isto é, o norte, o sul e o centro na mão de um só homem.

Isto é o reflexo do quanto os valores culturais da nossa terra são mais favoráveis ao homem do que às mulheres. Para um homem africano, moçambicano especialmente, ter várias mulheres é sinónimo de poder, de domínio, pois a virilidade é definida pelo número de mulheres e filhos. Mas uma mulher que tem muitos homens é uma prostituta. O próprio Tony revela este posicionamento machista e discriminatório: “- Traição é crime, Tony. – Traição? Não me faças rir, ah, ah, ah, ah! A pureza é masculina, e o pecado é feminino. Só as mulheres podem trair, os homens são livres, Rami” (Chiziane, 2002: 31). E a mulher

deve contentar-se com esta partilha, pois “Homens são raros. Ter um marido é sorte nos dias que correm” (ibid.: 158). Estamos no século XXI e mesmo assim a poligamia é um preceito com muito poder. Até o homem informado (não nos esqueçamos que Tony era um doutor da polícia) persiste nesta prática milenar que deveria ser banida dos círculos sociais actuais devido a doenças como o HIV/SIDA: “Olho para o Tony, meu marido energúmeno, polígamo do século vinte e um”. É notável uma ironia neste discurso da narradora.

O discurso de Chiziane sobre a construção de uma identidade para a mulher moçambicana do século XXI começa logo na abertura do romance, quando a autora denuncia a condição doméstica em que vivia Rami. Rami está sozinha em casa quando o seu filho, Betinho, parte o vidro de um carro:

Um estrondo ouve-se do lado de lá. [...] – Rami! – O que foi? – O carro. [...] – Carro? – Sim. O vidro. – Vidro? – Sim. Vidro do carro. – Ah! Quem foi? – O Betinho! – Ah? Do alto do céu desliza um punhal invisível contra o meu peito. [...] Tony, onde andas tu? *Por que me deixas só a resolver os problemas de cada dia como mulher e como homem?*, quando tu andas por aí? (ibid.: 1-2)

As possíveis respostas que podemos dar a este questionamento de Rami são: Rami, Tony deixou-te em casa só e a resolver os problemas de casa porque este é o papel que a tua tradição criou para ti. E o Tony não está preocupado com a casa, com os filhos, porque sabe que a ti, mulher, cabe esta árdua tarefa. Foste casada, lobolada, para desempenhares muito bem o teu papel. E assim deves viver, na submissão e obediência.

E é esse o quotidiano de muitas mulheres africanas: mulheres submissas e obedientes. Elas “Devem servir [...] o marido de joelhos, como a lei manda. [...] Ele não pode tocar na loiça nem entrar na cozinha. Quando servirem galinha, não se esqueçam das regras. Aos homens se servem os melhores nacos: as coxas, o peito, a moela. Quando servirem carne de vaca, são para ele os bifes, os ossos gordos com tutano. [...] O seu prato deve ser o mais cheio e o mais completo, [...] pois sem ele a família não existe” (ibid.: 126).

De forma muito clara, Paulina Chiziane faz-nos a revelação da identidade doméstica que durante muito tempo a mulher moçambicana vem ostentando. E é interessante perceber o quanto esta mulher se convenceu a si mesma de que o poder dentro de casa provém das mãos do homem. Rami diz, por exemplo: “Se o meu Tony estivesse por perto, repreenderia o filho como pai e como homem. Se ele estivesse aqui, agora resolveria o problema do vidro quebrado com o proprietário do carro, homem com homem se entendem, ah, se o Tony estivesse perto!”.

⁷ O itálico é nosso.

É deveras impressionante o poder que a tradição tem na nossa sociedade! Vemos que esta mulher sente-se incapaz, impossibilitada diante de uma circunstância. Porquê? Porque durante muito tempo ela viveu debaixo deste signo. Ela aprendeu na casa de seus pais que o homem era o centro da família, a solução para todos os problemas, tal como escreve Chiziane: “- E o que te ensinava a tua família? – Falava-me da obediência, da maternidade” (ibid.: 37).

E a leitura do romance revela-nos que, no bairro de Rami, todas as mulheres viviam neste conformismo e na aceitação de uma identidade que não era a sua. Rami diz-nos que no bairro não havia homens: “as mulheres é que governam as famílias [...]” (ibid.:15), mulheres domadas e abandonadas pelos homens, seus maridos.

E assim viveu e ainda hoje algumas mulheres vivem sem fazer nada: “Nunca mexi nenhum dedo para que as coisas corressem de acordo com os meus desejos. Mas será que algum dia tive desejos?” (ibid.: 20) Assim se expressa Rami. Rami faz-nos ver que dentro de si há desejos, mas depois deixa-nos contrariados ao questionar-se sobre a existência desses desejos. Mas há desejos ocultos sim. E ela revela-os: “Quero libertar a raiva de todos os anos de silêncio” (ibid.)

Assistimos assim a um novo momento na vida da mulher. Momento em que ela ganha voz e decide gritar a todos os cantos do mundo a dor de tantos anos de humilhação e recusas, como atestam as palavras que passamos a transcrever: “Hoje quero mudar o meu mundo”. A partir daí começa o protagonismo das mulheres em busca de uma nova identidade, quando ela decide mudar o seu mundo e começa a questionar a condição feminina e o papel da mulher na sociedade, revelando assim um forte desejo de liberdade na escolha do seu próprio destino: “Cansei-me de ser traída, humilhada, desprezada. Cansei-me de dormir sozinha. Cansei-me de ser abusada [...]” (ibid.: 54). Há muita expressividade na repetição do verbo “cansar”. O cansaço é factor de mudança. Só quando a gente se cansa de uma situação é que pode haver sinais de mudança.

Assim começa a luta desta mulher pelo seu reconhecimento e valorização, em busca de uma identidade nova, diferente da que foi construída pela tradição. A mulher está cansada, revoltada de ter estado durante anos sob domínio do homem. Esta revolta é colocada na boca de uma velha: “- Velho rabugento! Suportei-lhe a vida inteira. Se não quer que eu fale, então que morra!” (ibid.: 62). Tempos depois, numa situação idêntica a esta, quando Tony caiu ao saber que a Lu sairia do “círculo poligâmico” e iria casar-se com Vitó, no hospital, Rami repete as mesmas palavras de revolta e cansaço: “Doutor, suportei este homem a vida inteira. Se ele não quer que eu fale, então que morra!” (ibid.: 285).

É de muita importância o discurso de Rami quando confrontada com o discurso de Julieta, que passamos a transcrever: “Não tenho ilusões. Quer seja esposa ou amante, a

mulher é uma camisa que o homem usa e despe. É um lenço de papel [...] . É sapato que descola e acaba no lixo” (ibid.: 56). Percebe-se o quanto esta mulher estava conformada com a sua condição. O quanto se sente descartável e um objecto nas mãos do seu senhor. Rami sofre ante aquele conformismo: “Choca-me a frontalidade desta mulher. Que aceita ser usada e jogada, como bagaço de cana doce. [...] Que fala da amargura com doçura” (ibid.: 56). Sente-se angustiada ao perceber que, enquanto ela luta pela sua liberdade, independência e complementaridade num mundo dominado pelo homem, outras, como Julieta, aceitam pacificamente esta situação. Por isso decide solidarizar-se com as outras mulheres de modo a, juntas, conseguirem melhorar o seu mundo: “Tenho pena da Julieta, que treme em violentas convulsões ao ritmo do choro. Abraço-a. Conheço a amargura deste choro e o calor deste fogo. Emociono-me. Solidarizo-me” (ibid.: 26).

Este acto heróico de Rami é valorizado por um homem: «Eu acho que todas as mulheres deviam unir-se contra a tirania dos homens. Eu, se fosse mulher, faria isso. É aí onde está o teu ponto forte. (...) Tu és brava, mulher” (ibid.:87). E o mundo precisa de mulheres bravas, lutadoras, mulheres decididas a dar um destino diferente à sua história de vida. Mulheres decididas a afirmar-se como vencedoras, a pôr em causa as imagens tradicionais criadas para si.

CONCLUSÃO

Assim termina o nosso percurso analítico em torno do processo de negociação de uma identidade nova para a mulher moçambicana do século XXI no romance *Niketche*. Ao longo do percurso, percebemos como Chiziane constrói um diálogo com vista a colocar a mulher no lugar que lhe é devido. A autora parte de um momento de domínio patriarcal e, aos poucos, vai revelando o processo de descoberta, isto é, do momento em que a mulher vai tomando consciência de si e do mundo que a rodeia. Aos poucos, ela vai percebendo que viveu humilhada, dominada, e decide desconstruir os estereótipos femininos e a ideia de que o homem é o dominador e a mulher a dominada.

Estamos certos de que Chiziane construiu Rami como uma “super-mulher” – e de certa forma este é o ideal da crítica feminista – mulheres que, apesar de muitos sofrimentos, tribulações, não ficam paradas, mas agem. E Rami sempre agiu e nunca desistiu: “Eu não desisto desta luta. Ao meu Tony eu irei perseguir até aos confins da eternidade. Vou persegui-lo até à morada do tempo. Um dia hei-de reencontrá-lo, eu juro. Hei-de apanhá-lo nem que esse seja o último acto” (ibid.: 71). A determinação de Rami é impressionante. Por analogia, poderíamos reescrever este trecho da seguinte forma: “Eu não desisto desta luta. À minha liberdade eu

irei perseguir até aos confins da eternidade. Vou persegui-la [...]. Um dia hei-de reencontrá-la, eu juro. Hei-de apanhá-la nem que essa a última coisa da minha vida”.

E este é o discurso de muitas mulheres moçambicanas que ainda hoje vivem subjogadas por homens que não as sabem valorizar. São usadas, humilhadas devido aos preceitos de uma sociedade formada a partir de valores patriarcais. Mulheres sofridas, infelizes no rosto e nos olhares. Muitas delas têm aceitado viver sob este domínio em troca de uma vida boa, muito luxo e conforto. Mas temos a certeza de que dentro delas há um grito de revolta e que um dia, tarde ou cedo, elas irão libertar-se. Por isso, em vez de *Niketche: Uma história de poligamia*, adoptaríamos o seguinte título: *Niketche: um discurso de negociação de uma identidade nova para a mulher moçambicana do século XXI*.

BIBLIOGRAFIA

- AFONSO, Ana Lúcia da Silva. *Buscando outro significado para Eva: a representação do feminino na escrita de Paulina Chiziane*. Disponível em <http://www.filologia.org.br/cluerjsg/anais/ii/completos/comunicacoes/analidiadasilvaafonso.pdf>. Acessado a 15 de Junho de 2012.
- CHIZIANE, Paulina (2002). *Niketche: Uma história de Poligamia*. Lisboa: Caminho.
- SILVA, Luís Cláudio Ferreira & SILVA, Marisa Corrêa. *A Personagem Feminina em Saramago*. Cascavel, 2012. Disponível em: http://cac.php.unioeste.br/eventos/iisnel/CD_IISnell/pages/simposios/simposio%2006/A%20PERSONAGEM%20FEMININA%20EM%20SARAMAGO.pdf. Acessado a 21 de Agosto de 2012.
- ZOLIN, Lucia Osana. *Pós-Modernidade e Literatura de Autoria Feminina no Brasil*. Maringá, s/d. Disponível em: http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes_antiores/anais17/txtcompletos/sem19/COLE_1058.pdf. Acessado a 15 de Junho de 2012.

RESUMO

O romance *Niketche*, da autora moçambicana Paulina Chiziane, constitui-se a partir de um conjunto de discursos subversivos colocados na voz de uma narradora – personagem que parte em busca de uma identidade nova para a mulher moçambicana do século XXI, em oposição à milenar identidade doméstica para si construída por uma sociedade predominantemente patriarcal.

ABSTRACT

The novel *Niketche*, by Mozambican author Paulina Chiziane, is based on a set of subversive speeches attributed to a first person female narrator who goes in search of a new identity for the twentieth century Mozambican woman, as opposed to a millennial domestic identity built for her by a predominantly patriarchal society.